

# ***Notabilia Alcobacenses: Escolasticismo e Grammatica Positiva***<sup>1</sup>

## *Notabilia Alcobacenses: Scholasticism and Grammatica Positiva*

Alessandro Beccari

### RESUMO

Este artigo tem como intuito oferecer uma discussão das influências constitutivas de um texto oriundo da Idade Média portuguesa, em que se encontram teorizações a respeito da sintaxe latina na forma de análises contrastivas com exemplos do português arcaico. Escrito no Mosteiro de Alcobaça, *Notabilia Alcobacenses* são um texto didático que apresenta características dos tratados medievais, a saber, seu discurso é pautado por *quaestiones disputatae* de tópicos gramaticais, em que o autor, Juan Rodríguez de Caracena (fl. ca. 1400-1427), um monge cisterciense espanhol, cita amiúde autoridades reconhecidas no clima de opinião do Baixo Medievo: Petrus Helias (ca. 1100 - *post* 1166), Robert Kilwardby (1215-1279) e Alexandre de Villa Dei (ca. 1175-1240/1250). Tem-se como objetivo uma apresentação do fenômeno da gramática latina em Portugal (Fernandes, 2017a, 2017b, 2015, 2014, 2012) como parte de um *Zeitgeist* geral (Koerner, 2014), isto é, do Escolasticismo, e de sua expressão local como produto da escola do claustro alcobacense, estando o manuscrito disponível ao longo de séculos na biblioteca do Mosteiro (Assunção; Santos, 2009). Quer-se também discutir alguns dos tópicos gramaticais apresentados no manuscrito, os quais dão testemunho do pertencimento dos *Notabilia Alcobacenses* à vertente meridional da gramática latina do período também conhecida como *grammatica positiva* do sul da Europa (Law, 2003; Percival, 1994). Nesse sentido, demonstrar-se-á que, nos *Notabilia Alcobacenses*, há influências tanto do Escolasticismo quanto do formato das gramáticas positivas do sul da Europa. Utilizam-se excertos do manuscrito, traduzidos pelo autor, originalmente transcritos por Augusto, Kemmler e Fernandes (2012), pesquisadores do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.

Palavras-chave: *Notabilia Alcobacenses*. Gramática Latina. Historiografia Linguística.

---

<sup>1</sup> As discussões apresentadas neste artigo são fruto de pesquisas realizadas entre os anos de 2019 e 2023 em um estágio pós-doutoral junto ao Centro de Documentação em Historiografia Linguística da Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL-USP). O estágio foi supervisionado pela Professora Doutora Olga Ferreira Coelho Sansone, atual coordenadora do CEDOCH; também contamos com um período de estudos na Biblioteca de Reservados do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Portugal, sob a supervisão do Professor Doutor Gonçalo Fernandes. Gostaria de registrar o meu agradecimento à Professora Doutora Olga Ferreira Coelho Sansone por seu valioso apoio, contínua interlocução e generosa atenção ao longo desses anos, e ao Professor Doutor Gonçalo Fernandes pela acolhida na UTAD e o solícito e contínuo diálogo.

## ABSTRACT

This article aims to offer a discussion on the constitutive influences of a text from the Portuguese Middle Ages in which are found theorizations about Latin syntax in the form of contrastive analyzes with examples from archaic Portuguese. Written in the Monastery of Alcobaça, *Notabilia Alcobacenses* are a didactic text that presents characteristics of medieval treatises, namely, its discourse is guided by *quaestiones disputatae* of grammatical topics, in which the author, Juan Rodríguez de Caracena (fl. ca. 1400-1427), a Spanish Cistercian monk, often cites recognized authorities in the Late Medieval climate of opinion: Petrus Helias (ca. 1100 - post 1166), Robert Kilwardby (1215-1279) and Alexandre de Villa Dei (ca.1175-1240/1250). The objective is to present the phenomenon of Latin grammar in Portugal (Fernandes, 2017a, 2017b, 2015, 2014, 2012) as part of a general *Zeitgeist* (Koerner, 2014), that is, of Scholasticism, and its local expression as a product of the Alcobaça cloister school, the manuscript being available for centuries in the monastery's library (Assunção; Santos, 2009). It is also intended to discuss some of the grammatical topics presented in the manuscript, which testify to the belonging of the *Notabilia Alcobacenses* to the southern branch of Latin grammar of the period also known as *grammatica positiva* of Southern Europe (LAW, 2003; PERCIVAL, 1994). In this sense, it will be demonstrated that, in the *Notabilia Alcobacenses*, there are influences both from Scholasticism and from the format of positive grammars of Southern Europe. The excerpts from the manuscript used in this article were translated by the author and originally transcribed by Augusto, Kemmler and Fernandes (2012), researchers from the Centro de Estudos em Letras (CEL) of the Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.

Keywords: *Notabilia Alcobacenses*. *Latin Grammar*. *Linguistic Historiography*.

## 1. A gramática latina no medievo português

A partir da segunda metade do século XIV, tratados de gramática latina começam a aparecer em Portugal, escritos parcial ou integralmente em português (Fernandes, 2012, p. 327). O primeiro manual de que se tem notícia com essas características são as *Reglas pera enformarmos os menãos en latin*<sup>1</sup> (doravante *Reglas*), que apresentam influência seja dos tratados gramaticais dos *modistae*, seja de obras escolares do séc. XIII, os chamados doutriniais, como o *Doctrinale puerorum* de Alexandre de Villa Dei (ca. 1175-1240/1250) (Fernandes, 2012, p. 327-330).

Os *modistae* têm visível influência em um texto gramatical português dedicado a assuntos mais avançados, a saber, *Hic incipit notabilia que fecit cunctis* (Doravante *Notabilia Alcobacenses*)<sup>2</sup>, em que são citados Pedro Helias

1 Sobre as fontes e a datação do manuscrito, Gonçalo Fernandes, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), afirma que as *Reglas pera enformarmos os menãos en latin* fazem parte do *Manuscrito Digby 26*, “um interessantíssimo manuscrito de origem portuguesa em Inglaterra na Universidade de Oxford, com a quota Digby 26, que terá sido escrito provavelmente no último quartel do século XIV, levado para Inglaterra na primeira metade do séc. XV e oferecido em 1634 por Sir Kenelm Digby (1603–1665) à Biblioteca Bodleiana (Fernandes 2010, 2012, 2013 e 2015)” (Fernandes, 2015, p. 186).

2 Ressalte-se que o primeiro a transcrever os *Notabilia Alcobacenses* foi Manuel Saraiva

(ca. 1100 - depois de 1166) e Robert Kilwardby (1215-1279), comentaristas medievais de Prisciano Cesariense (séc. VI EC). Além dessas influências, as *grammaticae prouerbiandi* sem dúvida tiveram um impacto na estruturação dos tratados medievais portugueses do final do Medievo: trata-se de um gênero escolar bilingue, com paráfrases em língua românica, comum no mundo ibérico do séc. XV<sup>3</sup>. Esse impacto é visível na forma de exposição dos conteúdos nos *Notabilia Alcobacenses*, em que os exemplos em língua latina são parafraseados em português arcaico e discutidos em latim (Fernandes, 2012, p. 330-333).

A *Grammatica Pastranae* (Gramática de Pastrana), cuja primeira edição portuguesa é de 1497<sup>4</sup>, é de provável autoria de um certo Juan de Pastrana, que, acredita-se, foi um frade dominicano nascido nas Ilhas Baleares entre 1400 e 1450; contudo, sabe-se muito pouco a respeito de sua vida e do período em que escreveu a gramática. O fato é que a *Gramática de Pastrana* veio a ser muito popular no final do Idade Média em Portugal; na última década do séc. XV, era adotada como gramática elementar pela Universidade de Lisboa. Já as *Reglas* foram usadas para o ensino de língua latina para estudantes de nível intermediário no final do séc. XIV.

Os *Notabilia Alcobacenses* são de autoria do cisterciense espanhol Juan Rodríguez de Caracena (séc. XV), monge do Mosteiro de Alcobaça. Constituíam-se em um tratado gramatical voltado para os estudos avançados da língua de Sêneca e de São Tomás de Aquino. Segundo Fernandes (2012, p. 127-128), por muito tempo o manuscrito foi considerado de autor anônimo, porém, um trabalho analítico de transcrição, tradução e interpretação do último fólio ou cólofon permite agora afirmar que o autor da obra é de fato o supramencionado monge cisterciense espanhol alcobacense Juan Rodríguez de Caracena, “filho de Mendo Rodríguez, e natural da vila de Caracena, que pertencia à Diocese de Sigüenza do Reino de Castela”.

Segundo Fernandes (2017a, p. 229), os livros didáticos de gramática latina utilizados em Portugal na Idade Média eram, em grande parte, os mesmos utilizados em outras partes da Europa ocidental, a saber, a *Arte menor* de Donato (ca. 350 EC), o *Doctrinale Puerorum* (ca. 1199), as *Institutiones grammaticae*, de Prisciano (ca. 525 EC), a *Summa super Priscianum* (*Suma sobre Prisciano*), de Pedro Helias (fl. 1130/40-depois de 1166) e o *Catholicon* de João de Gênova (ca. 1286)<sup>5</sup>.

---

Barreto (1985).

3 Há um artigo de Rolf Kemmler (UTAD), no prelo (2023), sobre a relação entre o português medieval falado e os exemplos utilizados nos *Notabilia Alcobacenses*, a saber: “Pedro ama as moças: as frases exemplificativas em ‘romancium’ nos *Notabilia alcobacenses* (1425) e o português medieval falado”, a ser publicado no periódico *Internationale Tagung Rndromania im Fokus: gesprochenes Rumänisch, Portugiesisch und Galicisch*, Ludwig Maximilians-Universität München.

4 Trata-se da primeira gramática impressa em Portugal.

5 Fernandes (2017a, p. 228) afirma que há manuscritos dos *grammatici antiqui* (“gramáticos antigos”), como Donato e Prisciano, e dos *grammatici juniores* (“jovens gramáticos”), como Isidoro

A *Arte menor* (*Ars minor*), de Donato, representava o material didático básico com que se ensinavam as oito partes do discurso e sua morfologia. As elaborações sobre sintaxe presentes no *Sobre a construção* (*De constructione*), livros XVII e XVIII das *Institutiones grammaticae*, de Prisciano, representavam a sintaxe superior ensinada nas escolas e faculdades portuguesas da Baixa Idade Média (ca. 1250-1450).

Assunção e Santos (2009, p. 115-116) oferecem-nos um elenco de importantes obras, do ponto de vista da gramaticografia portuguesa medieval e renascentista, que chegaram até os dias de hoje e pertenceram ao Mosteiro de Alcobaça, e mencionam Torres<sup>6</sup> (1998, p. 47 *apud* Assunção; Santos, 2009, p. 115), para quem “o processo de consciencialização da diferenciação existente entre o Latim e o Português fez-se ‘paulatinamente’ e ‘com a ajuda’ (A. R. Torres 1998: 47) de um conjunto importante de fontes”<sup>7</sup>. Entre as obras que pertenceram à biblioteca do Mosteiro de Alcobaça, encontram-se os *Notabilia Alcobacenses*, ali chamados de *Notabilia* gramaticais.

1. *Papias*, vocabulário e gramática (em pergaminho de letra francesa dos séculos XII-XIII) – códices alcobacenses CCCXCII-CCXCIV/424-426<sup>8</sup>;
2. *Derivationes*, dicionário alfabético e etimológico, de Ugucione de Pisa – códice alcobacense CCCXCV/227;
3. duas *Gramáticas* de Prisciano: uma contendo os primeiros dezasseis livros de *Institutiones grammaticae*; outra contendo os dois últimos livros dessa obra;
4. *Graecismus* de Eberhardus Bethuniensis, de 1212 – códice 204, de 71 fólios;
5. *Doctrinale* de Alexandre Villa-Dei – códice 52;
6. dois glossários latinos (códice 151, de 151 fólios, século XIII), atribuídos a Alexandre Villa-Dei – códice alcobacense CCCXCIV/204;
7. glósulas ao *Graecismus*, (códice 204, de 71 fólios, segunda metade do século XIV);
8. *Notabilia* gramaticais – códice alcobacense 79, de 1488<sup>9</sup>;
9. *Materies* de António Martins, publicados com a gramática de

---

de Sevilha (ca. 560-636 EC), Papias Vocabulista da Lombardia (fl. ca. 1050), Alexandre Villa Dei, Everardo de Béthune (falecido depois de 1212) e Hugutio de Pisa (1130/1140-1210) nas bibliotecas dos dois principais mosteiros medievais portugueses: Santa Cruz de Coimbra e Alcobaça. No que tange às fontes dos *Notabilia Alcobacenses*, pode-se citar também Fernandes (2017b).

6 TORRES, Amadeu Rodrigues. Dos códices gramaticais medievos à Gramática de Fernão de Oliveira. In: TORRES, Amadeu Rodrigues; BECHARA, Evanildo. *Gramática e linguística: ensaios e outros estudos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1998. p. 43-59.

7 Essas fontes, segundo Assunção e Santos (2009, p. 115-116), “integram [...] o Catálogo dos Códices Alcobacenses publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa ou, por exemplo, o espólio da Bodleyan Library de Oxford (cf. A. R. Torres 1983: 635-637)”.

8 Assunção e Santos (2009, p. 115) afirmam que a “edição é, segundo P. S. Allen, dos finais do século XV”.

9 É possível que se trate de uma cópia ou talvez de depósito da obra, pois, como vimos, de acordo com o colofon, o manuscrito foi concluído em 1427.

Pastrana (o *Thesaurus pauperum siue Speculum puerorum*), que foi impressa, em Lisboa, por Valentim Fernandes, em 1497;

10. *Normas de prosódia* em harmonia com os usos de Claraval – códices alcobacenses CCLXII/37 e CCXLI/149;

11. os comentários de Petrus Rombus, que acompanham, ao modo de escólios, a gramática de Pastrana;

12. a síntese que Petrus Rombus elaborou das *Materies* de António Martins, tendo sido também publicada em anexo à gramática de Pastrana;

13. o manuscrito Digby 26 (fólios 7-7v, Col. Digby, 26, Bodleyan Library, Oxford, séc. XIV);

14. o manuscrito gramatical (fólios 76-82v), localizado no mesmo códice do manuscrito anterior, escrito, em Português, com o título “Reglas pera enformarmos os menços en latin”.

Resultantes da longa reflexão linguística ensejada pelos desafios do ensino da língua latina, Assunção e Santos (2009, p. 116-117) chamam a atenção para a importância dessas fontes para a compreensão da formação “do património conceptual metalinguístico”, que pode ser observado em seus inícios nas paráfrases em português arcaico dos exemplos discutidos por Caracena nos *Notabilia Alcobacenses*.

Juan Rodríguez de Caracena compõe seu trabalho em Alcobça nos anos 1420. Pouco antes, aparecia o primeiro texto gramatical humanista<sup>10</sup>: as *Regulae grammaticales*, de Guarino Veronese (1374-1460). Segundo Percival<sup>11</sup> (1975, p. 238, citado por Assunção; Santos, 2009, p. 110), Veronese escreveu a obra antes de 1418. As *Regulae grammaticales* representaram uma ruptura com os modelos da gramática especulativa e modista do século imediatamente anterior: sua intenção não é fornecer explicações teóricas de fenômenos linguísticos partindo de princípios lógico-metafísicos. A prioridade é o ensino prático da leitura de textos latinos provenientes da Antiguidade Clássica e sua imitação na escrita.

Todavia, não há mudança significativa nos estudos sobre sintaxe no tratado de Veronese, em que se preservam a teoria e o método dos gramáticos modistas. Há, entretanto, o acréscimo de uma variedade de assuntos específicos (propositivos): as flexões nominais irregulares, os comparativos, os pronomes relativos, as figuras de sintaxe, entre outros assuntos, recebem um grau de atenção que não recebiam nos tratados modistas (Percival,

10 Segundo Assunção e Santos (2009, p. 113), as primeiras menções a gramática humanista em Portugal, chamada de “grammatica nova”, são de 1442, 1449 e 1450: “se a designação ‘mestre de grammatica nova’ surge em 1442, em documento notarial referido por António Martins, Beja, a expressão ‘grammatica nova’ volta a aparecer a propósito da aquisição, por D. Afonso V, de ‘dous livros de grammatica darte nova’, 1449, e de ‘hum livro de grammatica nova’, 1450.”

11 PERCIVAL, W. Keith. The Grammatical Tradition and the Rise of the Vernaculars. In: SEBEOCK, T. A. (Ed.). *Current Trends in Linguistics*, v. 13, *Historiography of Linguistics*. The Hague/Paris: Mouton, 1975. p. 231-275.

1994<sup>12</sup>, citado por Assunção; Santos, 2009, p. 110). Assim, embora utilize a sintaxe dos modistas, Veronese quer “expurgar da teoria gramatical conceitos denunciadores da ligação que, antes [ou seja, nos tratados modistas], se havia estabelecido entre lógica e gramática”. De qualquer forma, se houve uma retórica de ruptura, esta não foi implementada completamente; não só pela manutenção parcial da sintaxe modista, mas também porque uma noção geral de separação entre lógica e gramática é outra herança, consciente ou não, que Guarino e os gramáticos humanistas que viriam depois dele receberam dos *modistae* da Baixa Idade Média.

Os *Notabilia Alcobacenses* aproximam-se mais das *Regulae grammaticales* de Veronese do que das gramáticas modistas dos séculos anteriores. Caracena e Veronese são praticamente contemporâneos. Na verdade, segundo Percival (1997, p. 4-5), há um gênero de textos gramaticais da Europa meridional que influenciou no surgimento das gramáticas humanistas do séc. XV<sup>13</sup>, em que se enquadra o tratado de Caracena. Assim, é possível depreender que os *Notabilia Alcobacenses* fossem uma obra de transição: têm elementos nitidamente modistas e especulativos, em especial ao citar gramáticos e soluções modistas; mas suas preocupações didáticas, no que tange à maneira como se debruça sobre questões específicas da *grammatica positiva*, como as que veremos neste artigo, é um traço fundamental das gramáticas humanistas.

Nas seções a seguir, depois de nos familiarizarmos um pouco com as características gerais dos *Notabilia Alcobacenses*, discutiremos algumas das questões de *grammatica positiva* (gramática prática) apresentadas no tratado gramatical português.

## 2. *Notabilia Alcobacenses* (ca. 1427): características gerais

Da leitura do tratado gramatical *Notabilia Alcobacenses* (ca.1427), é possível constatar que os gramáticos especulativos Pedro Helias (Petrus Helias (ca.1100 - ca. 1166)) e Robert Kilwardby (ca.1215-1279) eram conhecidos em Portugal no início do séc. XV, e possivelmente nos séculos anteriores, já que são mencionados com frequência no referido tratado. Além disso, Prisciano (séc. VI d.C.) é presença assídua nas discussões sintáticas dos *Notabilia Alcobacenses*, incluindo-se a parte das *Institutiones grammaticae* conhecida

12 PERCIVAL, W. Keith. Renaissance Linguistics: General Survey. In: ASHER, R. E. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, v. 7, 1. ed., Oxford/Seoul/Tokyo: Pergamon Press Ltd., 1994. p. 3540-3544.

13 Assim como os outros tratados portugueses mencionados neste artigo, pode-se afirmar, nas palavras de Fernandes (2015, p. 185), que os *Notabilia Alcobacenses* integram-se “na área meridional europeia, ainda que tenha havido grande mobilidade, especialmente, dos monges de Santa Cruz, entre as várias universidades europeias, nomeadamente como a Universidade de Paris [que tinha sido o mais importante núcleo dos modistae], inclusivamente com bolsas atribuídas pela corte portuguesa para esse efeito”.

como *Priscianus Minor*, equivalente aos livros XVII e XVIII, conhecidos como *De constructione* (Sobre a construção).

Segundo Fernandes (2015, p. 77), as fontes dos *Notabilia Alcobacenses* são explícitas ou identificadas ou implícitas (não identificadas, hipotéticas). As fontes explícitas são Donato (séc. IV), Prisciano (séc. VI), Pedro Helias (séc. XII), Robert Kilwardby (séc. XIII), Alexandre Villa Dei (ca. 1170 - ca. 1250), Giovanni Balbi de Genova (fl. 1286-1298). O mesmo autor classifica duas fontes implícitas: as *grammaticae prouerbiandi* (comparações e contrastes entre o latim e línguas românicas), de tradição catalã-aragonesa, e o tratado *Notabilia in arte grammaticae* de Giovanni da Soncino.

O manuscrito [Códice Alcobacense 79, BNP] foi analisado e transcrito por Fernandes, Augusto e Kemmler no Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), entre 2011 e 2012. Possui 89 fólios (178 páginas); é provavelmente uma cópia, resultante do trabalho de dois copistas (Fernandes, 2014, p. 185-186). Com relação aos conteúdos, “[e]stão divididos em 31 capítulos, que refletem sobre questões de morfologia, a formação dos verbos, os pretéritos, gerúndios e participios [...]”, sobre questões “de sintaxe, como o ablativo absoluto e o nominativo, figuras sintáticas [...] e temas de natureza especulativa, que hoje poderíamos classificar como semânticos”. Seu público-alvo pertence aos níveis avançados do latim. Daí se explica que Caracena mencione Prisciano (fl. 520-540) e os gramáticos especulativos, em especial, o modista Robert Kilwardby e o pré-modista Pedro Helias (Petrus Helias), sendo este último um importante comentador medieval das *Institutiones grammaticae* de Prisciano. As citações indiretas a Prisciano, nas fontes secundárias, encontram-se principalmente referindo-se à *Summa super Priscianum*, de Pedro Helias.

O tratado não apresenta as partes comuns ou assuntos canônicos de uma gramática elementar, por isso pode ser classificado como um tratado gramatical e não propriamente como uma gramática (Kemmler, 2007, p. 378<sup>14</sup> *apud* Gonçalves, 2014, p. 186). O texto foi escrito em caracteres cursivos góticos e pertence a um gênero de obras didáticas cujo nome se deriva da expressão latina *Debes notare* (“Deves notar/observar”), que aparece no texto como uma espécie de marcador discursivo a cada início de novo tópico. Sua principal característica, como tratado que se inscreve no gênero *notabilia*, são as discussões de exceções e dificuldades de discentes de nível avançado do latim.

Os *Notabilia Alcobacenses*, segundo Fernandes (2014, p. 191), são “a mais importante obra metalinguística medieval portuguesa” devido “às problemáticas gramaticográficas que encerram, especialmente no que diz respeito às suas fontes bibliográficas”, além disso, de acordo com o autor, são

14 KEMMLER, Rolf. *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obra e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2007.

“com grande probabilidade” o “único texto gramatical medieval de origem portuguesa que registra a presença da gramática especulativa ou modista em Portugal”. Fernandes afirma ainda que “parece haver uma grande coincidência de interesses entre os *Notabilia Alcobacenses*, as *grammaticae prouerbiandi* espanholas e os *Notabilia* do italiano Giovanni da Soncino”. Ademais, o texto apresenta exemplos em português arcaico que são dados preciosos a respeito da língua portuguesa falada no início do séc. XV, de importância evidente para a Linguística Histórica. Além disso, do ponto de vista da Historiografia Linguística, suas teorizações, de influência modista, podem constar entre as discussões inaugurais a respeito da sintaxe do português.

## 2.1 *Grammatica positiva*: tratamento de assuntos específicos

Tanto as *Reglas* (1375) quanto a *Grammatica Pastranae* são manifestações, segundo Law (2003, p. 179), da gramática prática, gênero de tratados direcionados ao ensino de elementos básicos do latim, os quais não apresentavam interesse significativo por questões metodológicas, sintáticas ou semânticas de caráter avançado, como as que aparecem nos tratados sobre os modos de significar ou gramáticas especulativas, por exemplo, na *Grammatica speculativa* de Tomás de Erfurt (ca. 1310). Além disso, na perspectiva da classificação de Law (2003, p. 190), tanto as *Reglas* quanto a *Grammatica Pastranae* podem ser classificadas como gramáticas vernaculares medievais: a primeira é escrita integralmente em português e a segunda apresenta exemplos nesse idioma.

Os *Notabilia Alcobacenses* também apresentam exemplos em português. Porém, além dos tópicos de morfologia e fonologia, discutidos em materiais didáticos mais básicos, as observações de Caracena incluem discussões sintáticas e semânticas mais elaboradas, incluindo em seus fólios um volume considerável de questões atinentes a figuras de linguagem e discussões de cunho nocional, o que pode atestar seu parentesco com a tradição dos gramáticos que Law classifica como intencionalistas, notadamente, Robert Kilwardby, que é citado diversas vezes por Caracena. Essas características distinguem o tratado do monge de Alcobaça quer das *Reglas* quer da *Gramática de Pastrana*. Assim, ainda que, segundo Fernandes (2015, p. 185), os *Notabilia Alcobacenses* integrem-se no gênero da *grammatica positiva* do sul da Europa, em que a gramática é mais *ars* que *scientia*, pela abrangência dos assuntos que compreende, “é [...] significativo que os *Notabilia* cite os especulativos medievais do norte da Europa, especialmente os escolares de Paris Pedro Helias (ca. 1100 - *post* 1166) e Robert Kilwardby (1215-1279)”. Podemos sugerir que a influência da gramática especulativa e intencionalista nos *Notabilia*, que, como vimos, são um texto didático meridional, seja

explicada parcialmente segundo a diretriz chamada por Koerner (2014, p. 58) de princípio da contextualização, com que se estabelece o clima de opinião em que se desenvolvem as teorias linguísticas.

Em grande parte do que hoje conhecemos por Europa ocidental, a partir do século XII, a essência do espírito do tempo ou *Zeitgeist* geral é o fenômeno da Cristandade católico-romana, uma condição abrangente e omnipresente da Idade Média ocidental, *sine qua non* para compreender a circulação de ideias e, em particular, as teorias linguísticas. Lembremo-nos que o *status* do latim fizera dele não apenas a segunda língua da Europa, mas também a língua de trabalho das reflexões sobre a linguagem. Assim, a gramática como arte ou disciplina e a língua latina tornaram-se praticamente sinônimos. Nesse sentido, Portugal não foi uma exceção à regra (Fernandes, 2015, p. 185). Assim, fruto desse clima de opinião, os *Notabilia Alcobacenses* integram um misto de gramática prática (*grammatica positiva*), um gênero didático subsidiário da gramática vernacular medieval da Europa, com forte influência das ideias da *grammatica speculativa* dos *modistae* e das reflexões dos gramáticos intencionalistas<sup>15</sup>.

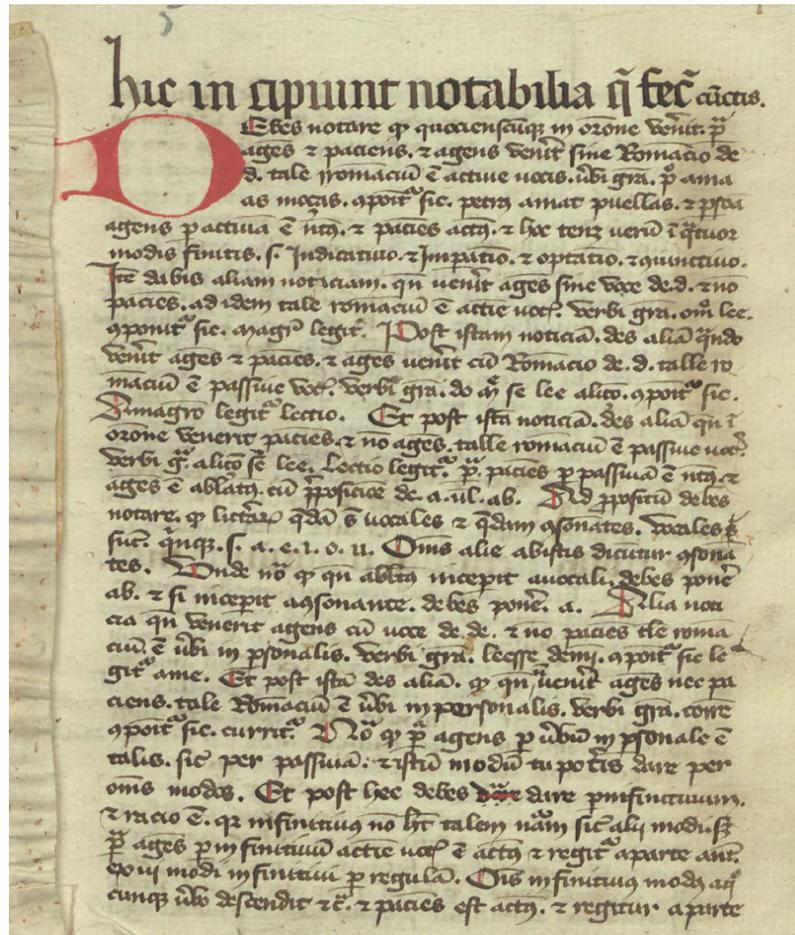
Passemos agora à consideração de alguns exemplos de discussões gramaticais práticas, ou seja, de *grammatica positiva*, encontrados nos *Notabilia Alcobacenses*. Além de situarem o texto no contexto meridional, esses exemplos atestam o legado da sintaxe de Prisciano nas reflexões linguísticas do tratado de Caracena, quer de modo direto quer por meio de seus intérpretes medievais, em especial Pedro Helias. Como se trata de assuntos mais intimamente relacionados com dificuldades específicas de aprendizagem de leitura e tradução, esses assuntos podem ser chamados de positivos ou propositivos (*grammatica positiva*), pois apresentam maior preocupação didática e pouca atenção a questões semânticas ou a discussões teóricas e metodológicas.

Como foi visto anteriormente, os *Notabilia Alcobacenses* pertencem a um gênero de tratados cujo nome se deriva da expressão latina *Debes notare* (“Deves notar/observar”), que aparece já no começo do texto como marcador discursivo e se repete a cada início de um novo assunto ou ponto gramatical. Assim, logo depois da primeira frase, que lhe serve de título, aparece o marcador discursivo *Debes notare*, com que Caracena inicia a primeira discussão (fólio 5r) sobre construções em voz passiva e ativa, em que a sentença portuguesa “Pedro ama as moças” é utilizada como exemplo de voz. O autor explica que a ausência ou a presença da preposição “de”, em português (arcaico), faz com

15 Em um diálogo crítico com a teoria modista, escolásticos como Roger Bacon e Robert Kilwardby trataram de questões pragmáticas relacionadas aos atos de fala e estilo. Segundo Law (2003, p. 177), Bacon e Kilwardby questionavam a abordagem puramente sintático-semântica dos tratados modistas, corrente principal das reflexões linguísticas a partir da segunda metade do séc. XIII. Em suas discussões a respeito das figuras de linguagem, Caracena utiliza soluções intencionalistas, inclusive citando Kilwardby, o que certamente contribui para que a classificação dos *Notabilia Alcobacenses* não seja trivial.

que a construção seja ativa ou passiva. Por conseguinte, “de” é visto como o equivalente da preposição latina *a/ab*, ou seja, em uma sentença de tipo *Petrus puellas amat* comparada à *Petrus a puellis amatur*. Nesse sentido, os exemplos em português oferecidos por Caracena no fólho 5r são “o mestre lee”, *Magister legit* (voz ativa), e “do mestre se lee a liçõ”, *A magistro legitur lectio* (voz passiva). A partir dessa comparação formal, o autor explica que o nominativo é normalmente o caso ativo (da pessoa agente) e o acusativo o caso passivo (da pessoa paciente), e que esse tipo de construção tem quatro modos verbais finitos: o indicativo, o imperativo, o optativo e o conjuntivo (subjuntivo). A seguir, Caracena refina sua explicação, ao observar que às vezes o caso da pessoa paciente pode ser o nominativo, como em “a liçõ se lee”, *Lectio legitur*, e, ao apresentar a estrutura frasal em voz passiva, aproveita para apresentar uma nota de ordem “fonológica”: a preposição *ab* latina perde o “b” diante de palavras iniciadas por consoantes. Na sequência, o autor explica que, no português de sua época, se o verbo em voz passiva e a preposição “de” aparecem diante da pessoa agente, a expressão resultante, em português, é de verbo impessoal; o exemplo utilizado é “leese de mim”, que, em língua latina, é construída (*componitur*) assim: *legitur a me*. Além disso, o autor explica que, algumas vezes, a expressão com verbo impessoal pode ser também neutra, ou seja, não apresentar a pessoa agente ou a paciente, como em “correm”, *curritur*, e finaliza esta parte da explicação dizendo que o verbo em voz passiva e o verbo impessoal são formalmente idênticos.

A última discussão do fólho 5r, que continua no primeiro parágrafo de 5v, é relacionada ao acusativo com infinitivo, em cuja construção a pessoa agente é o acusativo (construção de acusativo com infinitivo ou A.c.I), o que a faz atípica com relação à regra geral exposta por Caracena nos parágrafos precedentes segundo o qual o nominativo é o caso da pessoa agente. Aqui encontramos uma forma de explicação localista típica da gramática especulativa dos modistas: na construção de A.c.I, o acusativo (agente) é regido (*regitur a parte antecedente*) por um verbo que fica no infinitivo e na voz ativa. Segundo o autor, nos outros modos, todos os verbos, que se derivam do infinitivo, têm o nominativo como o caso da pessoa agente e o acusativo (paciente), e completa a explicação ao afirmar que, nos outros modos, o acusativo é regido (*regitur a parte post*) pelo verbo que vem antes de si. Nessa explicação, observa-se também o princípio da simetria: a razão (*ratio*) das construções é especular. O exemplo utilizado por Caracena é “Pedro amar Maria nom he marauilla”, *Petrum diligere Mariam non est mirum*. Por último, o autor afirma que seus discentes devem observar que esse tipo de construção de infinitivo tem a mesma formação em todos os tempos do infinitivo.



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal (fol. 5r, Códice Alcobacense 79).

[Transcrição<sup>16</sup>:]

[fol. 5r] (p. 1)

17

**hic incipiunt notabilia que fecit cunctis.**

**DE**ebes notare quod quocienscunque in oracione venerit persona agens et paciens. et agens venerit sine Romancio de scilicet. tale rromancium est actiue uocis. uerbi gracia. **pedro ama as moças.** composita sic. petrus amat puellas, et persona agens per actiuam est nominatiuus. et paciens accusatiuus. et hoc tenet uerum in quatuormodis finitis. scilicet. Indicatiuo. et Imperatiuo. et optatiuo. et coniunctiuo. Jtemdabisaliamnoticiam. quandoueneritagenssineuocede. scilicet et non paciens. ad idem tale romancium est actiue uocis. uerbi gracia. **omes-tre lee.** componitur sic. Magister legit. Post istam noticiam. des aliamquando

16 De acordo com Fernandes (2012, p. 330), em 2012, uma equipe do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) em Vila Real, Portugal, constituída pelo próprio Gonçalo Fernandes, Rolf Kemmler e Mónica Augusto concluiu uma primeira transcrição diplomática e uma análise paleográfica do texto. O trabalho foi realizado entre 2011 e 2012. O texto transcrito e analisado por esses pesquisadores da universidade portuguesa é aqui utilizado e traduzido.

venerit *agens et paciens. et agens uenerit cum Romancio de d. talle ro-mancium est passiuue uocis. uerbi gracia. do mestre se lee aliçõ. componitur sic.*

A magistro legitur lectio. Et post istam noticiam. des aliamquando in oracione uenerit *paciens. et non agens. talle romancium est passiuue uocis.*

uerbi *gracia aliçõ se lee. Lectio legitur. persona paciens per passiuam est nominatiuus et et agens est ablatiuus cum preposicione de a. uel ab. Ad propositum debes notare quod litterarum quedam sunt uocales et quedam consonantes. uocales {sunt} sunt. quinque. scilicet. a. e. i. o. u. Omnes alie ab istis dicuntur consonantes. Vnde nota quod quando ablatiuus inceperit a uocali debes ponere*

*ab. et si inceperit a consonante. debes ponere. a. Alia noti-*

*cia quando uenerit agens cum uoce de. de. et non paciens tale roman-*

*cium. est uerbi impersonalis. uerbi gracia. leesse de mjm. componitur sic le-*

*gitur ame. Et post ista des aliam quod quando <non> uenerit agens nec pa-*

*ciens. tale Romancium est uerbi impersonalis. uerbi gracia. correm componitur sic. curritur. Nota quod persona agens per uerbum impersonale est*

*talis. sicut per passiuam. et istum modum tu poteris dare per*

*omnes modos. Et post hec debes {daare} dare per infinitiuum.*

*et ratio est. quare infinitiuus non habet talem naturam sicut alij modi. Sed persona agens per infinitiuum actiue uocis est accusatiuus et regitur a parte antecedente ex iij modi infinitiui per regulam. Omnis infinitiuus modus a quo*

*cunque uerbo descendit etcetera. et paciens accusatiuus. et regitur a parte*

*[[fol. 5 v] (p. 2)*

*post exui transicionis. Exemplum. pedro amar maria nom he marauilla.*

*componitur sic petrum diligere mariam non est mirum. Et istam no-*

*ticiam debes dare per omnia tempora infinitiuij.]<sup>17</sup>*

*(Transcrição de Augusto; Kemmler; Fernandes, 2012, [fol. 5r-5v] (p. 1-2)).*

---

17 O primeiro parágrafo do fôlio 5v, embora não apareça na reprodução da página do manuscrito, foi acrescentado para que a finalização do raciocínio iniciado no fôlio 5r fosse mais compreensível.

[Tradução:]

**Aqui começam as observações que fez para todos.**

**Deves observar** que, sempre que houver oração na voz ativa e passiva, se o agente vier sem “de” em romance, por exemplo, **Pedro ama as moças**, deve ser composta [em latim] assim: *Petrus amat puellas*, e que a pessoa agente na voz ativa é o nominativo e a paciente o acusativo, o que é verdade para os quatro modos finitos, a saber, o indicativo, o imperativo, o optativo e o subjuntivo. Deves observar que, se a pessoa é agente e não paciente, virá sem a voz “de”, a saber, o romance estará na voz ativa; por exemplo, **o mestre lee**, que é composta assim: *Magister legit* [o mestre lê]. Além dessa observação, há uma outra sobre a ocorrência do agente e do paciente: o agente também ocorre em um romance com “de” e esse romance fica na voz passiva, por exemplo, **do mestre se lee aliçõ**, que se compõe assim: *A magistro legitur lectio* [A lição é lida pelo mestre]. Além disso, deves observar que algumas vezes aparece na oração o paciente e não o agente, e o romance está na voz passiva, por exemplo, **aliçõ se lee**, *Lectio legitur* [a lição se lê]: o paciente fica no nominativo e o agente no ablativo com a preposição “de”, *a* ou *ab* [em latim]. A propósito, deves observar que, das letras, algumas são vogais e outras consoantes. As vogais são cinco, a saber, a, e, i, o, u.; além destas, todas as outras são ditas consoantes. Daí, observa que, quando o ablativo for iniciado por vogal, deves colocar *ab*, e, se iniciado por consoante, deves colocar *a*.

Outra observação: quando o agente vem acompanhado da voz “de” e não o paciente, esse romance é de verbo impessoal, por exemplo, **lees-se de mjm**, que se compõe assim: *legitur a me* [é lido por mim]. Além disso, observa que há outra situação em que não existe nem agente nem paciente, e esse romance é de verbo impessoal, por exemplo, **correm**, que se compõe assim: *curritur* [correm/corre-se]. Nota que a pessoa agente, no verbo impessoal, tem a mesma forma que a da voz passiva, e podes aplicar esse modo a todos os modos, bem como ao infinitivo, porque o infinitivo não tem a mesma natureza dos outros modos, já que a pessoa agente, no infinitivo da voz ativa, fica no acusativo e é regida antes do verbo [a parte antecedente] pelos modos do infinitivo de que é, de regra, derivado todo modo infinitivo de seu respectivo verbo etc. Se for paciente, o acusativo é regido depois do verbo [a parte post]

[fol. 5v]

e perde a transitividade. Exemplo: **pedro amar maria nom he marailla**, que é composto como *Petrum diligere Mariam non est mirum* [Pedro amar Maria não é maravilha]. Deves aplicar essa informação a todos os tempos do infinitivo.

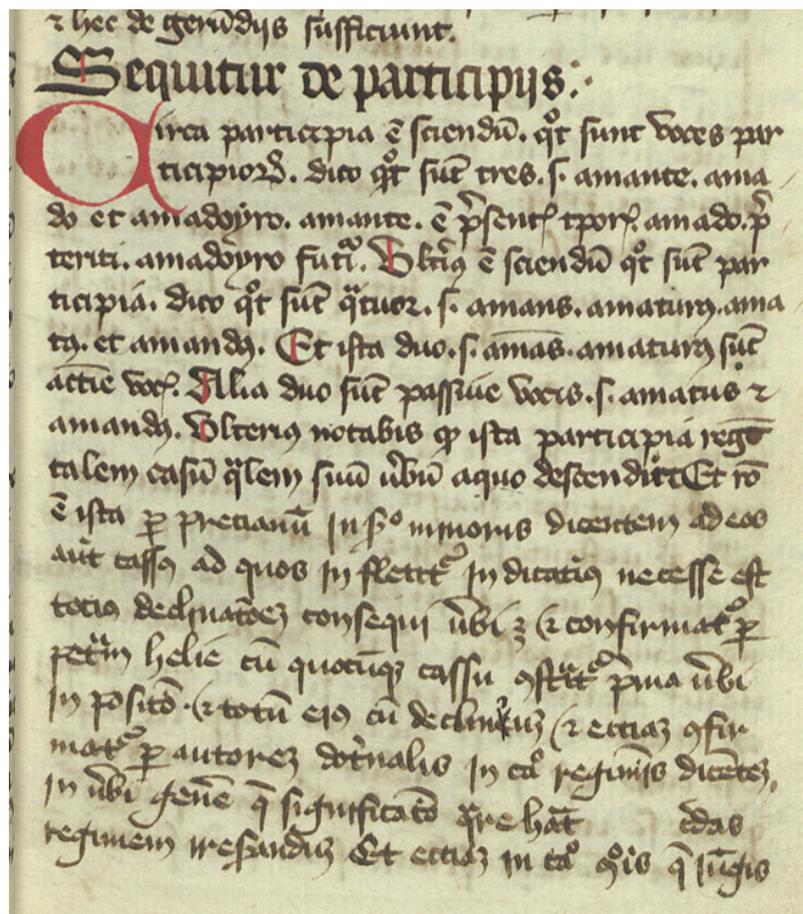
No fólio 13r (p. 17), Caracena discute o particípio latino, em comparação com o do português arcaico, utilizando as formas verbais portuguesas: “amante”, “amado”, “amadoyro” como exemplos de particípios vernaculares (romanços), respectivamente, dos tempos presente, pretérito e futuro, os quais compara com os latinos *amans*, *amatus*, *amaturus*, *amandus*. O autor pede que os discentes observem a diferença numérica: há três formas de particípios portugueses contra quatro do latim.

Caracena observa então que a diferença reside no fato de que embora haja particípios na voz ativa e passiva em ambas as línguas, em latim, o particípio futuro ativo tem uma forma passiva correspondente, *amandus*<sup>18</sup>, o que não ocorre em português. Ressalte-se que, nessa discussão, o autor não comenta a respeito de diferenças de significado entre as línguas, mas se atém mais à questão da equivalência de formas e seus significados comuns, e é provavelmente por isso que não oferece comentários ou exemplos de possíveis formas perifrásticas portuguesas correspondentes ao particípio futuro passivo latino.

No mesmo fólio 13r, o mestre alcobacense observa que o caso regido pelo particípio é o mesmo do verbo de que se deriva. Segundo o autor, essa observação é confirmada por uma série de autoridades. Nesse sentido, cita *Prisciano Menor* – ou seja, o tratado sobre sintaxe que corresponde aos dois últimos livros (XVII e XVIII) das *Institutiones grammaticae* –, segundo o qual a regência do verbo de origem do particípio é paradigmática para todas as formas derivadas. Segundo Caracena, a anterioridade semântica da regência do verbo é confirmada por Pedro Helias, que a atribui à *prima impositio* (atribuição do sentido original) do verbo. Logo depois, Caracena corrobora sua observação em Alexandre de Villa Dei (*per auctorem [D]octrinalis*), em seu capítulo sobre regência. A seguir, vemos o fólio 13r, seguido de sua transcrição.

---

18 O particípio futuro passivo é também chamado de gerundivo na gramática latina.



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal (fol. 13r, Códice Alcobacense 79).

[Transliteração:]

#### Sequitur de participijs.

Circa participia est sciendum. quot sunt voces participiorum. dico quot sunt tres. scilicet. **amante. ama-do** et **amadoyro. amante.** est presentis temporis. **amado.** pre-teriti. **amadoyro** futuri. Vterius est sciendum quot sunt participia. dico quot sunt quatuor. scilicet. **amans, amaturus, amatus.** et **amandus.** Et ista duo. scilicet. **amans, amaturus.** sunt actiue vocis. Alia duo sunt passiuue vocis. scilicet. **amatus et amandus.** Vterius notabis quod ista participia regunt talem casum qualem suum uerbum aquo descendunt Et ratio est ista per precianum in secundo minoris dicentem ad eos autem cassus ad quos inflectitur iudicatiuus necesse est totius declinationem consequi uerbi est et confirmatur per petrum helie cum quocunque cassu constituitur prima uerbi inpositio. et totum eius cum declin{e}<i>um et etiam confirmatur per autorem doctrinalis in capitulo regiminis dicentem in uerbi genere que significatio quare habeant certas??? [Nota-se que o texto a partir daqui se encontra escrito por outra mão.] (Transcrição de Augusto; Kemmler; Fernandes, 2012, [fol. 13r] (p. 17)).

[Tradução:]

#### Segue-se do participio

Acerca dos participios deve-se saber quantas são as vozes dos participios. Afirmo que são três, a saber, “amante”, “amado” e “amadoyro”; “amante” está no tempo presente, “amado”, no pretérito, “amadoyro” no futuro. Além disso, deve-se saber também quantos são os participios. Afirmo que são quatro, a saber, *amans, amaturus, amatus* e

*amandus*. Estes dois, a saber, *amans*, *amaturus* são da voz ativa; os outros dois são da voz passiva, a saber, *amatus* e *amandus*. Além disso, deverá observar que esses participios regem o mesmo caso do verbo de que se derivam, e a razão disso é explicada por Prisciano, no segundo menor [??] que diz que os casos em que se flexionam no indicativo são necessariamente seguidos em toda a sua declinação [conjugação e derivação], o que é confirmado por [Pedro] Helias a respeito de qualquer caso que é constituído na atribuição de seu sentido original; também é confirmado pelo autor do *Doutrinal* [Alexandre de Villa Dei] em seu capítulo sobre regência, em que diz que na gênese do verbo [??<sup>19</sup>].

Como tratado ou suma gramatical, os *Notabilia Alcobancenses* inserem-se no contexto de um sistema de ensino e aprendizagem que é organizado e funciona de acordo com os pilares básicos do método escolástico medieval. Nesse sentido, com relação ao fólio 13r acima, o autor corrobora suas observações sempre com base em soluções de questões debatidas por autoridades recentes, como Pedro Helias e Alexandre de Villa Dei, ou em autoridades mais antigas, principalmente Prisciano. Ressalte-se que, nos *Notabilia Alcobacenses*, Pedro Helias, autor da *Summa super Priscianum*, é um dos autores mais citados e possivelmente a principal fonte indireta de Prisciano Cesariense.

A citação frequente de autoridades não significa que a discussão que aparece no fólio 13r seja apenas uma confirmação do que já se disse a respeito do assunto, ou que se baseia em um recurso acrítico. Pelo contrário, fiel ao método escolástico, Caracena compara os autores e busca neles um equilíbrio de soluções para estabelecer seu próprio ponto de vista, levando em conta pressupostos teóricos. Para melhor compreender esse procedimento, vejamos, a seguir, como o participío é discutido nos autores citados por Caracena.

22

No livro XVII do *De constructione*, ao discutir o *status* do participío na hierarquia das partes do discurso, Prisciano afirma que, na *ordo naturalis*, seu lugar é posterior ao nome e ao verbo, porque participa das naturezas de ambos. Entretanto, Prisciano enfatiza a derivação verbal, já que, em seu quadro explicativo funcional, o participío, ao assumir formas casuais com gênero (masculino, feminino e neutro) como propriedade específica, permite que o significado da *prima impositio* do verbo original funcione mais livremente do ponto de vista da *consequentia* (relação lógica entre as partes da frase), ou seja, é como se os verbos assumissem propriedades nominais funcionais ao se transformarem em participios. No excerto a seguir, fica evidente a correspondência lógico-metafísica entre as partes da frase e aspectos da realidade, já que, na perspectiva aristotélica de Prisciano, verbos fazem referência a acidentes de substâncias, segundo categorias metafísicas.

Também é oportuno posicionar o participío após o verbo, do qual ele também se origina, assim como mostramos ao tratar dos

---

19 Os pontos de interrogação entre colchetes geralmente refletem dúvidas de transcrição e/ou tradução.

verbos, pois são formados a partir de inevitáveis transformações dos verbos em formas casuais com gêneros, que são propriedades dos participios, quando os verbos não podem apresentar uma relação lógica entre si, de forma que os participios podem se unir através de casos oblíquos e se associar sem conjunção, como *me legente proficio* [lendo, eu progrido] em vez de *lego et proficio* [leio e progrido] (Prisciano, XVII, 18 [p. 13]).<sup>20</sup>

Após citar Prisciano, com que procura justificar a anterioridade semântica do verbo em comparação com o participio, Caracena também menciona o capítulo sobre regência do *Doutrinal* de Alexandre de Villa Dei, e, além disso, mobiliza a seu favor a noção de *prima impositio* de uma das mais importantes autoridades medievais em Prisciano, Pedro Helias, o qual, como veremos no excerto a seguir, desenvolveu uma teoria refinada a respeito da regência dos participios.

Por sua vez, o participio sempre exige o mesmo caso que o verbo [de que se deriva] e é colocado no lugar do verbo; nesse sentido, os nomes diferem de ambos [verbos e participios]. Porque, qualquer que seja o caso exigido pelo verbo, o nome derivado ou exigirá o genitivo ou o dativo *per figuram compassionis* [como figura de compaixão], ou seja, em modo de aquisição. Por exemplo, *audio illum* [o ouço] pode ser dito também como *auditor illius* [audiente dele] ou *auditor illi* [audiente para ele], ou seja, sou-lhe útil nesse sentido. De fato, há poucos nomes que são construídos com o ablativo, como *dignus illa re* [digno daquela coisa], poucos com acusativo, ou de modo figurado, como *exosus bella* [contrário à guerra] – *exosus* [contrário] porque é colocado como figura de linguagem no lugar de um participio, como se se dissesse *odiens bella* [aquele que é contrário à guerra] [...].

Se alguém argumenta o contrário, por exemplo, que o verbo *dignor* [honro] e o nome *dignus* [honrado], que é derivado do verbo, são seguidos do mesmo caso, ou seja, o ablativo, diremos que isso ocorre devido à natureza própria da dicção, não do significado do verbo. Pois quando *dignor* [honro] exige acusativo e ablativo, como em *Dignor te gloria* [Honro-te com glória], exige o acusativo devido à natureza comum [dos verbos], mas o ablativo é exigido pela própria significação [...] Portanto, como *dignus* é um

<sup>20</sup> *Participium etiam oportune post uerbum ponitur; ex quo nascitur; sicut de uerbo tractantes ostendimus, quod necessario translationes uerborum fiebant in casuales figuras cum generibus, quae eis accidunt, cum uerba non possent consequentiam sui praesentare, ut etiam per obliquos casus adiungi possent et sine coiunctione consociari, ut 'me legente proficio' pro 'lego et proficio'.*

nome, não exige o acusativo que é exigido pela natureza comum do verbo de que se deriva, mas sim o ablativo, que é exigido por sua própria natureza. Os participios, por sua vez, exigem os mesmos casos dos seus verbos de acordo com sua natureza comum, e aqui reside a diferença [entre nomes derivados de verbos e participios] (Pedro Helias. *Summa super Priscianum*. In: Reilly, 1993, p. 598-599 (Tradução Nossa)).<sup>21</sup>

Pedro Helias deixa evidente que há uma proposta contrária. Sua explicação é que a regência dos participios é igual à dos verbos de que se derivam. Para rebater a explicação contrária, o mestre da escola de Chartres demonstra que a independência do participio como classe de palavras e parte do discurso deriva-se de sua semântica fundamental, que se identifica com o que chama de “significado comum dos verbos” ou “sua natureza própria”, o que corresponde a dizer que os verbos regem “naturalmente” o caso acusativo. Segundo Helias, os participios distinguem-se dos nomes derivados de verbos, porque a significação própria (o *proprium*), nominal, desses nomes pode exigir o acusativo ou o ablativo e, desse modo, não têm relação com a regência natural/original (*prima impositivo*) ou comum do verbo de que se derivam. Portanto, é na distinção da natureza comum dos verbos e participios de Pedro Helias que Caracena baseia-se para afirmar que os participios seguem a *prima impositio* dos verbos aos quais se relacionam por derivação.

Como vimos no excerto acima, gramáticos dos séculos XII, XIII e XIV, como Pedro Helias e Alexandre de Villa Dei, são fontes do tratado de Caracena. De fato, não é surpreendente que a origem das discussões gramaticais de Caracena estejam nas soluções resultantes da rotina de questões (*quaestiones*) e debates (*disputationes*) que ocorriam nas salas de aula das escolas medievais. Essas discussões foram fixadas por escrito em grande número de tratados ou sumas que se encontravam nas bibliotecas dos grandes mosteiros medievais. Muitos desses textos chegaram até nossos dias, como é o caso dos *Notabilia Alcobacenses*<sup>22</sup>. Para entender os *Notabilia Alcobacenses* como material

21 *Rursus participium semper exigit casum quem et suum verbum et ponitur pro verbo quorum neutrum nomini convenit. Quemcumque etenim casum exigat verbum, nomen derivatum ab eo vel exiget genitivum vel dativum per figuram compassionis, id est, acquisitive, ut 'Audio illum' dicitur et 'auditor illius' et 'illi', id est, ad eius utilitatem. Pauca quoque nomina construuntur cum ablativo ut 'dignus illa re', pauca etiam cum accusativis et figurate ut 'exosus bella'; ideo autem figurate quia 'exosus' ponitur ibi loco participi ac si dicat 'odiens bella' [...].*

*Si opponantur quod 'dignor' verbum et 'dignus' nomen derivativum ab eo secuntur eundem casum quia ablativum, dicemus hoc fieri ex propria natura dictionis, non ex vi verbi. Cum enim 'dignor' exigat accusativum et ablativum ut 'Dignor te gloria', accusativum ex communi natura verbi exigit, ablativum vero ex vi proprie significationis [...] 'Dignus' autem cum sit nomen non exigit accusativum, quem verbum a quo derivatur ex communi natura verbi exigit, sed ablativum, quem ex vi proprie significationis requirit. Participia vero illos exigunt casus quos et verba sua ex communi natura verbi exigent, et hec est differentia.*

22 No Medievo, o trabalho intelectual era bem diferente do labor solitário da redação de artigos, dissertações, teses e relatórios de pesquisa, comum em nossos dias. Pequena era a distância física

didático inserido em seu contexto intelectual é importante compreender a estrutura e a função das questões e debates acadêmicos medievais, e como se integram como práticas em um determinado método e ambiente de ensino. Nesse sentido, o desenvolvimento do conhecimento na Idade Média latina é caracterizado, acima de tudo, por um método de ensino e aprendizagem: o método escolástico<sup>23</sup> (Beccari, 2013, p. 75-76).

### 3. Considerações finais

Os *Notabilia Alcobacenses* são o melhor exemplo de tratado medieval português para o ensino de tópicos avançados de gramática latina na Idade Média de que se tem notícia até o momento. Com exemplos em português arcaico traduzidos para o latim, o tratado de Caracena é “a mais importante obra metalinguística medieval portuguesa” (Fernandes, 2014, p. 191). Apresenta uma série de soluções para questões de leitura e escrita típicas da *grammatica positiva* meridional e discussões teóricas fundamentadas na *grammatica speculativa*. Seu contexto de produção é a escola de um dos mais importantes centros intelectuais do medievo português, o Mosteiro de Alcobaça.

Juan Rodríguez de Caracena cita autoridades como Pedro Helias, Robert Kilwardby, Alexandre de Villa Dei e Prisciano Cesariense, deixando evidente que sua fundamentação teórica é derivada seja da gramática especulativa que floresceu entre o final do séc. XIII e o início do XIV, seja das gramáticas escolares medievais dedicadas a questões práticas de ensino de leitura e escrita do latim. Ademais, observa-se uma semelhança formal e de interesses entre os *Notabilia Alcobacenses* e “as *Grammaticae Prouerbiandi* espanholas e os *Notabilia* do italiano Giovanni da Soncino” (Fernandes, 2014, p. 191). Essa heterogeneidade, em especial em sua preocupação prática, pode atestar o fato de que se trata de uma obra de transição, situada entre os tratados sobre os modos de significar dos modistas, o intencionalismo gramatical, os textos escolares medievais e a nova gramática humanista, cuja obra pioneira é provavelmente as *Regulae grammaticales* de Guarino Veronese (1374-1460).

---

e cronológica entre o lido, o explicado e o debatido nas salas de aula e o que era normalmente reproduzido por escrito (seja por discentes, seja por secretários treinados para esse trabalho); as reproduções logo davam origem a tratados e comentários, bem como a opúsculos didáticos relativos a uma variedade de assuntos (Beccari, 2013, p. 217-218), assim, “[a]s formas literárias com as quais os homens da Idade Média dão corpo ao seu pensamento refletem os diversos atos sociais de interpretação, cumpridos pelo intelectual no ambiente onde exerce sua atividade” (De Libera, 1990, p. 25).

23 O método escolástico pressupunha a capacidade de memorizar uma grande quantidade de informações, o que se explica majoritariamente pela dificuldade de acesso aos valiosos suportes para a escrita que eram então extremamente caros e de difícil confecção. Daí uma das características dos *Notabilia Alcobacenses*: a concisão e brevidade com que Caracena encadeia os assuntos, explica as dificuldades e corrobora suas observações com menções a suas fontes principais.

O trabalho de Caracena é escrito em Alcobaça por volta de 1427, poucos anos depois do aparecimento do primeiro tratado gramatical humanista.

No que diz respeito a suas fontes bibliográficas, o tratado de Caracena representa um objeto privilegiado para a compreensão da fortuna das teorias de Prisciano na Idade Média, em especial a teoria *utraque lingua* (Fortes, 2012, p. 119), que nos parece importante para a compreensão do advento de gêneros gramaticais em Portugal no Baixo Medievo, como as *grammaticae prouerbiandi* e os *notabilia*. Nesse sentido, é necessário enfatizar a importância de Caracena referir-se a *Summa super Priscianum*, de Pedro Helias, uma das obras mais citadas no manuscrito, fundamental para a compreensão dos aspectos teóricos e metodológicos que subjazem o tratado.

É importante ressaltar ainda que os *Notabilia Alcobacenses* apresentam grande número de exemplos em português arcaico, que são discutidos segundo o modelo da gramática latina, o que representa uma fonte muito rica para a Linguística Histórica. Além disso, como foi visto neste artigo, da perspectiva da Historiografia Linguística, pode ser a primeira obra que oferece uma abordagem sistemática do português falado.

Em suma, o tratado de Caracena é uma obra didática que se assemelha formal e tematicamente a gêneros típicos do sul da Europa. Além disso, agrega explicações baseadas na tradição das gramáticas especulativas e em teorias de viés pragmático. Ressalte-se que, em sua heterogeneidade, embora de maneira indireta, o tratado gramatical cisterciense é um dos primeiros *loci* de análise utilizados para as primeiras sistematizações de diversos aspectos da língua portuguesa. Seu estudo e divulgação fazem-se necessários para entendermos melhor a língua portuguesa entre os séculos XIV-XV, bem como o caminho até as primeiras gramáticas vernaculares do português.

## Referências

ASSUNÇÃO, Carlos; SANTOS, Maria Helena. Da Idade Média ao Renascimento: percursos gramaticais. In: SOARES, Nair de Castro (Coordenação); MOREDA, Santiago López (Coordenação). *Génesis e consolidação da ideia de Europa: Idade Média e Renascimento*. v. 4. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p. 105-119.

AUGUSTO, Mónica; KEMMLER, Rolf; FERNANDES, Gonçalo. *Transcrição dos Notabilia Alcobacenses: 1ª Versão*. Vila Real: UTAD/CEL, 2012.

BARRETO, Manuel Saraiva. Os notabilia gramaticais alcobacenses. *Euphrosyne* 13. 1985, p. 79-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1484/J.EUPHR.5.126729>>. Acesso em: 24/08/2023.

BECCARI, Alessandro Jocelito. *Uma tradução da Grammatica speculativa, de Tomás de Erfurt, para o português: acompanhada de um estudo introdutório, notas e glossário, 500 f.* Tese (Doutorado em Letras) Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/30657>>. Acesso em: 24/08/2023.

CARACENA, Juan Rodríguez de. *Hic incipiunt notabilia que fecit cunctis (= Notabilia)*. MS Lisbon, National Library of Portugal, Alc. 79, ff. 5r-93v. 1427. Disponível em: <<http://purl.pt/24440>>. Acesso em: 29/08/2023.

DE LIBERA, Alain. *A filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERNANDES, Gonçalo. Syntax in the earliest Latin-Portuguese grammatical treatises. *Historiographia Linguistica*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 44, n. 2, 2017a. p. 228-254.

\_\_\_\_\_. Sources of the Notabilia (1427), a medieval handwritten grammatical treatise from the Portuguese monastery of Alcobaça. *Folia Linguistica*, 51(s38-s1), 2017b. p. 75-89.

\_\_\_\_\_. Contributos para a história da gramaticografia medieval latino-portuguesa: dois manuscritos dos séculos XIV e XV. *Sodalicia Dona: Homenaje a Ricardo Escavy Zamora, ed. by Eulalia Hernández Sánchez & María Isabel López Martínez*, Murcia: Departamento de Lengua Española y Lingüística General / Universidad de Murcia, 2015. p. 181-198.

\_\_\_\_\_. Gramática Especulativa Medieval em Portugal:

os *Notabilia* Alcobacenses. In: María Luisa Calero Vaquero, Alfonso Zamorano, F. Javier Perea, M<sup>a</sup> del Carmen García Manga & María Martínez-Atienza (Eds): *Métodos y resultados actuales en Historiografía de la Lingüística*. Münster: Nodus Publikationen: vol. I, 2014. p. 183-192. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10348/6217>>. Acesso em: 24/08/2023.

\_\_\_\_\_. Textos gramaticais latino-portugueses na Idade Média. In: Elena Battaner Moro, Vicente Calvo Fernández & Palma Peña Jiménez (Eds.): *Historiografía lingüística: líneas actuales de investigación*. Münster: Nodus Publikationen: vol. I, 2012. p. 326-339.

FORTES, Fábio da Silva. *Sintaxe greco-romana: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na história do pensamento gramatical antigo*, 406 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2012.863042>>. Acesso em: 29/08/2023.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. *Quatro décadas de historiografia lingüística: estudos selecionados*. In: KEMMLER, Rolf. (Ed.); ALTMAN, Cristina. (Ed.). (Prefácio de Carlos Assunção). Vila Real: Centro de Estudos em Letras/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CEL/UTAD), 2014.

PASTRANA, Juan de. *Grammatica Pastranae. Incipit compendium breue et utile: Siue tractatus intitulus: Thesaurus pauperum siue speculum puerorum editum a magistro Johanne de. Ulixbone: Impressum per Valentinum Fernandi de Moravia*. MS Lisbon, National Library of Portugal, INC 1425. 1497. Disponível em: <<http://purl.pt/22005>>. Acesso em: 29/08/2023.

PRISCIANO CESARIENSE. *Institutiones grammaticae*. In: KEIL, Heinrich. (Ed.). *Grammatici Latini: Prisciani institutionum grammaticarum libri i-xviii*. Leipzig: Teubner, 1855.

PEDRO HELIAS (PETRUS HELIAS). *Summa super Priscianum*. In: REILLY, Leo. (Ed.). *Summa super Priscianum*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1993.

PERCIVAL, W. Keith. Nebrija's syntactic theory in its historical setting. *Historiographia Linguistica*, v. 24, n. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Renaissance Linguistics: General Survey. In: ASHER, Ronald Eaton (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, v. 7, 1. ed., Oxford/Seoul/Tokyo: Pergamon Press Ltd., 1994. p. 3540-3544.

A. BECCARI  
*Notabilia  
Alcobacenses:  
Escolasticismo  
E Grammatica  
Positiva*

REGLAS pera enformarmos os menços en latin. (Autor anônimo). MS Oxford, Bodleian Library, Digby 26, ff. 76r-82v.

TOMÁS DE ERFURT. Gramática especulativa. In: BECCARI, Alessandro Jocelito. *Uma tradução da Grammatica speculativa, de Tomás de Erfurt, para o português: acompanhada de um estudo introdutório, notas e glossário*, 500 f. Tese (Doutorado em Letras) Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

LAW, Vivien. *The history of Linguistics in Europe: from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.